

Heródoto dá eloquente testemunho não só pela pletora de sinais divinos presentes em sua narrativa, mas também porque esses diversos sinais divinos desempenham a função de um recurso estruturador da narrativa mesma, sendo muitas vezes um elemento com que o narrador comprova e autentica a versão dos fatos que entre tantas disponíveis ele escolheu para compor o seu relato. Assim, esse terceiro estudo vem em socorro do leitor, fornecendo-lhe um conjunto de dados e esclarecimentos que lhe abrem a possibilidade de uma melhor compreensão desse aspecto desconcertante dos gregos clássicos e das *Histórias* de Heródoto.

Contudo, o mérito maior deste volume reside na tradução mesma da obra. Simples, clara, elegante e correcta, a linguagem usada na tradução permite, no entanto, ao leitor que adivinhe através dela os termos e a construção sintáctica utilizados no original, o que não é pedir pouco ao tradutor. Essa acribia e rigorosa aderência ao original tornam obsoletas as traduções anteriores de Heródoto ao português, por tudo o que esses trabalhos anteriores têm de perifrásico e prolixo. Como se não bastasse esse rigor, numerosas notas de uma erudição enciclopédica pontilham o texto e acumulam informações a respeito de nomes próprios, factos, usos e costumes, de modo que a leitura se há de fazer em dois tempos, um para o texto traduzido, outro para os esclarecimentos a ele infatigavelmente aportados pelos tradutores.

JAA TORRANO.

Eurípides, *Os Heraclidas*. Introdução, tradução do grego e notas de Cláudia Raquel Cravo da Silva. Lisboa, Edições 70, 2000.

Entre as publicações de estudos e traduções de tragédias de Eurípides, que se têm feito em Portugal, destaca-se este trabalho de Cláudia Raquel Cravo da Silva. O mérito desse destaque reside no rigor e erudição do estudo, além da competência da tradução.

O estudo introdutório, intitulado “Introdução”, aborda esta obra desde as circunstâncias mais ou menos externas dos problemas de datação e transmissão do texto, passando pelas origens do mito e pela análise da peça e de suas personagens, em busca do sentido da peça. Nesse percurso, o rigor e a erudição se revelam no diálogo que se mantém simultaneamente com o texto euripídiano e com a tradição da crítica moderna sobre o texto.

Na impossibilidade de se estabelecer com segurança a data da representação de *Os Heraclidas*, examinam-se as diferentes hipóteses e verificam-se os argumentos mais razoáveis em prol de qual seria a altura mais provável dessa representação. Nesse debate, em que intervêm razões apaixonadas e argumentativas paixões, os dados disponíveis permitem um acordo em torno de 430 a.C. Por outro lado, os acidentes da transmissão do texto desafiam a argúcia

dos estudiosos, cuja imaginação por vezes é capaz de recriá-lo ou de reconstituí-lo como que por um dom divinatório. Também neste caso, é o rigor combinado com a erudição que pode distinguir e oferecer-nos as soluções mais convincentes.

Já o rastreamento das origens do mito dos Heraclidas, dada a escassez de vestígios literários anteriores à obra estudada, exige que a erudição se combine com uma argúcia dotada de algo divinatório. Assim é que, garimpando referências em autores posteriores e tardios, pode-se crer que “as grandes linhas do mito já estavam fixadas quando Eurípides escreveu a sua peça” (p. 35), ou então, se “existem (...) na peça alguns pormenores normalmente apontados pela crítica como sendo da responsabilidade do poeta”, ponderar e avaliar “até que ponto cada um deles poderá, de facto, ser invenção do tragediógrafo” (p.36). Examinam-se, destarte, o sacrifício de Macária, o rejuvenescimento miraculoso de Iolau e as circunstâncias da morte de Euristeu; e nesse mister, amplia-se e aprofunda-se ainda o diálogo com os sucessivos críticos que modernamente se debruçaram sobre esses problemas.

Sobre chão mais sólido se move a análise da peça, que ressaltando a coerência interna do drama, a correlação entre as suas partes e a presumível intenção que as preside, retoma e integra na interpretação do conjunto o que antes se conquistou na discussão de aspectos particulares com a crítica moderna. Essa interpretação, assim elaborada mediante esse dúplice diálogo com o texto euripídiano e com a crítica recente, enquadra e ampara o estudo das personagens, com o qual no entanto se amplia e se aprofunda em alguns aspectos essenciais para a compreensão dos problemas diversos suscitados pela leitura do drama.

As conclusões finais, em que se explicitam as posições definitivas assumidas pela Autora tanto perante o texto quanto perante a crítica, enfeixam-se no último capítulo intitulado “O sentido da peça”. Apesar de algumas concessões aos críticos por demais severos ou pouco permeáveis às peculiaridades desta tragédia, é inegável a generosa contribuição que o estudo aporta à solução de problemas hermenêuticos e à apreciação da obra euripídiana.

Quanto à tradução, o seu mérito repousa na competência escolar. Não nos parece que o espírito desta tradução seja movido pela mesma ousadia e magnânima disposição para enfrentar e resolver desafios e problemas, que assiste o estudo introdutório. Caminhando no mesmo passo que as soluções sintáticas e semânticas já aduzidas por outros tradutores para línguas modernas, esta tradução se deixa guiar pela pedestre prudência e correcta exactidão, mas nesse passo ficamos unicamente com o louvor do dever cumprido, sem podermos admirar a desenvoltura de qualquer ousadia. No entanto, boa e pedestre, a prosa por toda a sua honestidade e correcção vale como um instrumento igualmente útil para aproximação e estudo das palavras imortais que um dom divino nos oferece em grego clássico.

JAA TORRANO